

## O desembrulho<sup>1</sup>

*Mia Couto*



Estou no Brasil numa mistura de trabalho e de férias. A primeira etapa desta viagem passou-se nas praias do Nordeste, juntamente com a minha mulher. Visitei já o Brasil dezenas de vezes. Desta vez, foi a primeira ocasião em que o fiz como turista. Talvez isso me dê alguma bagagem para eu falar aqui sobre turismo. Porque não quero perder de vista que sou apenas um escritor, não tenho competência particular nesta matéria, tenho apenas impressões. É isso que trago aqui, apontamentos e anotações de um caderno de viagem.

E vou exatamente começar por falar da impressão que estas férias me causaram. Na verdade, estive em lugares que nunca mais irei esquecer. Mais do que memórias, esses lugares tornaram-se entidades vivas dentro de mim. O segredo da viagem não é apenas visitar. É deixar-se ser visitado

pelos lugares. Deixar que aquele momento de encontro tome posse de nós. Essa tomada de posse é sempre uma invenção. Que às vezes é feita contra uma outra invenção que nós compramos. É feita contra a fabricação de paraísos que a publicidade sugere. Na verdade, sinto pena dos meus amigos quando são defraudados por propaganda turística enganosa. Mas sinto talvez mais pena deles quando, ao voltar, me dizem: *aquilo é fantástico, é exatamente como diziam na agência de viagens*. Porque a verdadeira viagem tem que ser isso e outra coisa, tem que ser algo que resulte do inesperado e da nossa apetência pelo acaso.

As pessoas do Nordeste (Natal, Recife e Fernando de Noronha) são orgulhosas do seu patrimônio natural. E têm toda a razão nessa vaidade. Muitas vezes me perguntavam quem tem praias mais bonitas: Moçambique ou o Brasil? Na verdade, não sei responder. Nessa espécie de concurso de beleza, os dois países estão empatados. Mas existe uma outra pergunta que me parece ainda mais importante que é a seguinte: quem tem maior capacidade para estragar essa potencial beleza? Nesse caso, receio que o Brasil ganhe. Eu mesmo assisti a esse

processo de degradação e os meus amigos brasileiros disseram-me que há um número de locais de enorme beleza natural que foram engolidos e devorados por um turismo feito sem medida nem regra.

No Brasil, em Moçambique ou em qualquer lugar do mundo, um certo tipo de turismo acaba consumindo os lugares, suga-lhes e devora-lhes a sua alma.

É por isso que, quando regresso de um lugar feliz, sou assaltado por um sentimento de antecipada nostalgia e digo: *gostei tanto que nunca mais quero voltar*.

Quando me alojaram num hotel na cidade em Natal fui assaltado por dúvidas: que lugar é este? Não era exatamente a categoria do Hotel que questionava, mas a sua localização. O edifício ficava bem no limiar de uma periferia pobre, quase uma favela. O meu quarto dava para as traseiras de onde se via o morro inteiro com a sua arquitetura de ruas estreitas e labirínticas. E ali, nessas ruas, se exibiam cartazes de negócios diversos. A maioria era daquilo que se chamavam “Salões de Beleza”. Em todos esses cartazes, invariavelmente, se representava como modelo da beleza feminina a figura de uma mulher loura, magra e de olhos azuis.

Recusei os passeios oferecidos pela agência e optei por me perder, sem hora nem bússola. Passei pela cidade, percorri os seus lugares cheios de contraste, os recantos onde ela se fazia bonita e onde ela surgia desmazelada e feia. E durante todos esses dias eu me perguntava a mim mesmo: onde está essa mulher loira tão celebrada nos cartazes? Então, percebi que aquele hotel, mal colocado como se dizia, me dava um privilégio enorme: ali da janela via os Brasis que há Brasil, eu testemunhava a fronteira entre pobreza e riqueza, entre o corpo sonhado e a realidade vivida. Eu não contemplava um espaço geográfico mas as vidas que ali habitavam. Não teria tido essa oportunidade se me tivessem alojado um lugar ilhado, cercado por um vazio de gente ou por muros escondendo a realidade.

Estas férias foram de fato memoráveis. Correu tudo bem? Nem sempre. Houve momentos em que me zanguei e eu tenho muito pouca competência para me zangar. Mas quando me exalto quero ter direito de ir até ao fim, de falar duro, reclamar e ver surgirem soluções e arrependimentos. Só assim vale a pena. Mas aqui no Brasil esse exercício da zanga nunca me foi possível. Porque a minha zanga se dilui, instantaneamente, num mar de afabilidade.

Um desses casos surgiu num aeroporto em que houve um mal-entendido sobre um excesso de carga. Andamos de balcão em balcão e, num dado momento, a Patrícia disse: tens que te zangar. E lá fui a um derradeiro balcão onde uma moça ouviu as queixas referentes a um caixote carregado de livros. E de imediato ela me disse: *Meu amor, não se apoquente, não. Você é escritor? Pois eu sou cantora e até já gravei CD. Me diga um nome de uma cantora brasileira que o senhor gosta: Marisa Monte? Pois escute: “Deixa eu dizer que te amo, deixa eu pensar em você...”* Naquele momento, a Patrícia, que estava a uma curta distância, lançou um olhar estupefato sobre aquela cena romântica. A verdade é que a moça tinha uma voz surpreendente e aquela breve exibição vocal me fez esquecer a contrariedade. Resultado: paguei

feliz o que não achava que tinha pagar. E eu e a Patrícia ficamos o resto do dia trauteando a canção de Marisa.

Uma outra vez, o motorista contratado para nos levar a uma praia perdeu-se no caminho. Dei conta disso porque a viagem devia levar uma hora e meia e nós já seguíamos há bem de duas horas. Verifiquei então que ele também não estava seguro do caminho. E confessou: *é que o motorista contratado era o outro e ele terceirizou*. Então o condutor, ligou para um colega e escutei a seguinte conversa: *Olha estou seguindo uma estradinha cheinha de buraco, estou meio perdido não é? Ai é? Completamente perdido? Beleza! E agora para voltar? Tendi, mais uma hora de retorno. Beleza, tá jóia*. Aí eu, perante uns pontapés da Patrícia eu reclamei. E o condutor disse: *meu amigo assim, eu lhe peço perdão mas assim você vê mais Brasil*. E, afinal, ele tinha razão. Porque a paisagem em redor era realmente bonita. Aquele homem lembrava algo que quase sempre esquecemos: de tanto termos pressa em chegar, deixamos de ver o caminho.

Visitar lugares é bom. Mas o melhor é viajar por pessoas. Eu amo conversar, abrir alma, amolecer o tempo numa boa lenga-lenga. E aqui o Brasil ganha todas as Copas do mundo. É impossível sentirmo-nos estranhos e solitários. Já percorri dezenas de países. E nunca vi gente tão hospitaleira, tão afável, que nos faça sentir não apenas em casa como em família.

Amigos brasileiros do Rio de Janeiro vão insistindo comigo: nunca acredites totalmente na simpatia carioca. Porque o carioca diz: *meu querido, aparece lá em casa, mas ele não te dá nunca a morada*. Isso comigo nunca aconteceu. Mas mesmo que acontecesse não creio seria um problema. Porque a afabilidade dos brasileiros rompe a fronteira entre espaços. A simpatia brasileira faz com que a rua se converta em casa.

Este jeitinho Brasileiro de enfrentar os problemas pode não ajudar muito o Brasil porque acaba escamoteando a questão da eficiência profissional. Mas ele constitui um valor imensurável para quem tenha gosto numa viagem através de gente e de histórias. Porque esse jeitinho faz reviver a história da formação da nação brasileira com os ciclos do café e do açúcar convertendo-nos a nós visitantes, numa calda açucarada que é bebida e convertida em doçura. Vimos ao Brasil e acabamo-nos convertendo em Brasil. Ser simpático não é apenas uma qualidade de temperamento. Mas indica uma relação que não é apenas centrada na própria pessoa, um modo de mostrar como os outros estão em cada um de nós. Em África essa disponibilidade para os outros também é comum, e essa herança africana explicará muito do que os brasileiros são hoje.

No Brasil como em Africa muitas vezes eu me pergunto: como é tão difícil fazer uma coisa tão fácil que é ser feliz?

Caros amigos

Sou biólogo e logo a seguir ao final da guerra civil trabalhei na reabilitação dos parques e reservas de fauna de Moçambique. Foi um longo trabalho de restauração ecológica e de depois de repovoamento da fauna.

Acompanhei a primeira família que visitou um desses parques de fauna. Nesse dia não havia guia turístico e pediram que servisse de cicerone. Eram três portugueses, o pai, a mãe e um filho adolescente. Com eles vinha um representante da agência de viagens.

Tivemos um encontro de planificação logo que eles chegaram. Com exceção do jovem que estava sonolento e nada disse, os restantes três fizeram uma exposição entusiasta sobre o que ansiavam daquela visita. Todos queriam coisas diferentes. O fulano da agência queria que eu não desiludisse a expectativa criada, queria que eu “*mostrasse muitos bichos*”. Queria, enfim, a garantia de um jardim zoológico. O chefe de família queria uma experiência radicalmente diferente, que recolher a aventura que pudesse contar para a sua gente. E exibia a máquina fotográfica como um caçador exibe a arma. A mulher não queria nada. Apenas se queixava de um imenso cansaço. Queria repousar, deixar de existir.

Escolhi esses quatro personagens porque eles podem representar uma constelação de atitudes que eu gostaria aqui de comentar. Então, com brevíssimas pinceladas, eu vou agora percorrer cada um dos vértices desse polígono humano.

#### O primeiro vértice - a agência de turismo preocupada

A agência apostava obviamente na fabricação e consumação de expectativas. As agências de viagem sabem que a viagem começa no sonho de viajar, na construção antecipada do que vai ser. Esse desejo explica o êxito dos livros que se apresentam como guias de turismo. Esses guias e esses folhetos operam inevitavelmente na simplificação. Uma nação inteira não cabe numa página.

O turista precisa desse empacotar de países, precisa de simplificação da realidade. Porque ele quer ser um aventureiro mas perdeu o sentido da aventura. Ele quer o desconhecido mas ensinaram-no a confiar apenas naquilo que conhece. Por isso, ele não quer riscos, não quer tempo perdido, quando esse tempo é contabilizado e orçamentado.

No caso de África, o que geralmente se sugere é um continente reduzido a paisagens, à fauna e às belezas naturais. Uma África sem história, sem cultura. Uma África feita só de natureza. Uma África sem africanos.

#### O segundo vértice - O marido ansioso

O personagem a que chamo de “marido” não parava de fazer perguntas: “*e leões, vamos ver leões? E elefantes?*”

Todos turistas querem ver os grandes mamíferos. Poucos estão disponíveis para ver o que parece pouco visível, como as árvores, os pássaros, os pequenos animais. Isso não conta, isso não produz história. Nas palavras do tal marido, “*isso não dá adrenalina*”.

Entendo a sede do turista. Vivemos um tempo em que faliram as grandes narrativas, as chamadas narrativas fundadoras – Deus, a Pátria, a política. O que temos para contar é aquilo que a televisão nos traz. Mas não há nessa revelação o prazer da descoberta pessoal e única. Nesse mundo empobrecido de fantasia, é vital que cada indivíduo seja portador de uma narrativa. Se não há grandes histórias então eu mesmo terei que ter uma história. Ou terei que ser uma história.

E o que constrói essa narrativa pessoal são os mesmos materiais que constroem os livros: as viagens, as aventuras, a descoberta do desconhecido. Do mesmo modo que hoje se vendem muitos guias turísticos, também o gênero da biografia se converteu numa fonte de *best-sellers*. Se não tenho uma vida interessante ao menos consumo a vida dos outros.

Era isso que aquele apressado turista queria: uma espécie de bebedeira de adrenalina. Algo que o fizesse esquecer que, durante todo ano, ele não tinha tirado uma única fotografia. E agora ele tinha pressa de acumular imagens, converter a vida inteira num álbum fotográfico.

### O terceiro vértice – a esposa cansada

Mais do que a intenção de um destino, a esposa queria repousar. Era isso que ela repetia: “*eu não quero ver muita coisa, eu quero é descansar*”. Talvez a mulher tivesse vontade de se afastar da sua própria vida. Todos nós sentimos isso a que chamamos de “necessidade de descansar”. Ninguém pode negar que esse cansaço exista. Mas de onde vem tanto cansaço?

A fadiga que sentimos não é tanto do trabalho acumulado, mas de um cotidiano feito de rotina e de vazio. O que mais cansa não é trabalhar muito. O que mais cansa é viver pouco. O que realmente cansa é viver sem sonhos. O poeta TS Eliot pergunta: “*onde está a vida que perdemos no viver?*”

Era esse cansaço existencial que as férias daquela mulher prometiam resolver. Ela queria outros lugares para esquecer o lugar onde coabitava com o tédio e monotonia. Muitas vezes é assim: o importante não é o que o turista vê durante a viagem. Mas também aquilo que ele deixa de ver por causa da viagem.

Ao mesmo tempo ela, que tanto ansiava essa lonjura, queria saber do acesso à rede de telefones e à internet. Ela sofria de uma dependência que se generalizou: não podemos ficar longe desse mesmo ruído que nos queixamos que nos ensurdece. E o longe já não nasce da geografia. Longe é onde já não rede de telefone. E solidão é quando já não há acesso à rede da Internet.

O que eu gostaria de ter dito à mulher era o seguinte: esse cansaço não se resolve por termos mais férias. A grande solução é mudarmos radicalmente a nossa vida. Em vez de espreitar a caixa de e-mail, talvez fosse melhor se ela falasse com as pessoas do lugar que visitava. Afinal, a sua preocupação com os outros, os chamados “locais”, ir-se-ia limitar a saber quanto devia dar de gorjeta aos empregados do hotel.

#### O quarto vértice – O jovem ensonado

Nesse encontro preliminar, o jovem não falou. Era noite, estava cansado, queria dormir. Quando nos fomos deitar imaginei que a minha grande aposta naquele grupo seria esse jovem que estava inaugurando um novo olhar sobre um mundo tão diverso. E pensei no meu próprio percurso e como foi importante esse primeiro contato com um Parque Natural.

Eu nasci e vivi toda a minha infância e adolescência na cidade da Beira, bem perto do Parque Nacional da Gorongosa. Uma das coisas que a minha família fazia com regularidade era visitar o Parque. Na linguagem de nossa casa dizia-se “*vamos visitar os bichos*”. Mas essas excursões eram para mim mais do que uma visita. E era eu o visitado. Nessas excursões eu experimentava o mesmo fascínio de quando me contavam histórias. O mesmo encantamento roubava-me do mundo e do tempo.

Era esse rapto que eu queria que o jovem português experimentasse. No entanto, assim que subiu para a cabine o moço retirou de uma bolsa uma máquina de jogar e durante o tempo todo ele se debruçou sobre esse aparelho luminoso e ruidoso. E aí entendi: ele estava ali por acidente. Aliás, ele não estava ali. Não estava realmente em lugar nenhum. O jovem já tinha visto tudo o que havia para ver. O jovem há muito que deixara de ser jovem.

Mas aconteceu algo que mudou radicalmente tudo. De repente, já perto do rio surgiu um casal de leões. A viatura parou diante de um casal de leões e eles estavam ali mesmo ao lado, escutava-se o seu respirar, captava-se o seu cheiro ácido. Então, o jovem ergueu os olhos e ficou vencido. Qualquer coisa se quebrou dentro dele. E não só pela imponência da visão. Mas porque ele não sabia ver. Porque não eram apenas um casal de bichos que ali passeavam mas era a própria Vida inteira que ali desfilava. Para contemplar esse espectáculo era preciso silêncio, quase uma devoção. E ali passavam essas duas criaturas como que emergindo de um outro tempo. Quem já testemunhou uma cena destas sabe: o caminhar de um leão é uma dança divina, o seu olhar foi feito para nos paralisar e nos roubar os sentidos.

E sucedeu, por fim, aquilo que eu tanto queria: o marido pousou, enfim a máquina sobre o colo, a mulher baixou os braços refeita com os seus longos

cansaços, e o jovem olhou o mundo como se fosse pela primeira vez.

Lembrei-me então de um pequeno texto do uruguaio Eduardo Galeano que diz assim:

*“Diego não conhecia o mar. O pai levou-o para que descobrisse o oceano. Viajaram para o Sul. Depois de muito caminhar, o mar enfim surgiu. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu: Pai, me ajude a olhar!”*

Meus caros amigos

Tudo o que posso dizer está escrito numa simples frase do romance que outrora eu escrevi chamado “O outro pé da sereia”. E a frase é esta: *“a viagem não começa quando se percorrem distâncias. A viagem começa quando atravessamos as nossas fronteiras interiores”*. Para atravessar essas fronteiras precisamos de um novo modo de olhar o mundo e de nos olharmos a nós mesmo. Sem esse olhar novo, podemos dar a volta inteira à terra e não teremos nunca saído do mesmo lugar.

Como ganhar, então, na viagem, a leveza que a nossa alma procura? Não há receita. Mas muito se pode aprender dos poetas e escritores, e eu peço a Fernando Pessoa para me ajudar a fechar esta minha fala. Ele escreveu os seguintes versos:

*“O essencial é saber ver.  
Mas aí de nós que trazemos a alma vestida!  
E saber ver exige uma aprendizagem de desaparecer.  
E eu procuro despir-me do que aprendi,  
procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram  
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos  
Desencaixotar as emoções  
E quero desembrulhar-me e ser eu .”*

O que o turismo vende, como objeto de redenção dos nossos grandes cansaços, são pacotes. O que nós todos precisamos são desembrulhos. Desembrulhem-nos pois para sermos abraçados pelo mundo.

**Nota:**

<sup>1</sup>Conferência ministrada na abertura do XII Encontro Nacional de Turismo com Base Local (ENTBL), em São Paulo (SP), Auditório do Teatro Anchieta, SESC Consolação, no dia 06 de novembro de 2012. O debate com os participantes do evento foi coordenado pela Profa. Dra. Camila Gonçalves de Oliveira Rodrigues (UFRRJ).



**Mia Couto:** considerado um dos escritores mais inventivos da língua portuguesa graças ao uso poético da linguagem e a originalidade na utilização de neologismos, ainda que esta reinvenção da língua traga em sua gênese o imaginário ancestral e a tradição oral de Moçambique. Além de considerado um dos escritores mais importantes de seu país, é o escritor moçambicano mais traduzido. Em muitas das suas obras, Mia Couto tenta recriar a língua portuguesa com uma influência moçambicana, utilizando o léxico de várias regiões do país e produzindo um novo modelo de narrativa africana. *Terra Sonâmbula*, o seu primeiro romance, publicado em 1992, ganhou o Prêmio Nacional de Ficção da Associação dos Escritores Moçambicanos em 1995 e foi considerado um dos doze melhores livros africanos do século XX por um júri criado pela Feira do Livro do Zimbábue. Como biólogo, dirige a IMPACTO Lda., empresa que faz estudos de impacto ambiental em Moçambique. Mia Couto tem realizado pesquisas em diversas áreas, concentrando-se na gestão de zonas costeiras. Além disso, é professor da cadeira de ecologia em diversos cursos da Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

